



**O sangue de
Dona Gertrudes**

Alexandre Santos

ALEXANDRE SANTOS

**O SANGUE DE
DONA GERTRUDES**



Copyright© Alexandre José Ferreira dos Santos



EDIÇÕES MOINHO



Organização associada à Câmara Brasileira de
Desenvolvimento Cultural.

Conselho Editorial

Alexandre Santos

Jacinto Almeida

Gérman Cárceres

Caio Porto

Carlos Newton Júnior



Ninguém escapa do próprio sangue

Para Wilson Oliveira, que, de longe,
reconhece o uivo de uma loba solitária

**O SANGUE DE
DONA GERTRUDES**

À GUISA DE PREFÁCIO

Às vezes, mergulhados na leitura de um texto, seguimos o enredo proposto pelo autor e não atinamos que, independentemente do nível de protagonismo exercido, todos os personagens têm a sua própria história, cujo encanto e interesse dependem da forma como, eventualmente, ela [a história] for contada. É nesta perspectiva que se coloca 'O sangue de Dona Gertrudes' - uma novela que deriva do

romance 'Maldição e fé', de minha autoria, lançado em 2011. De fato, ambientado na mesma Olinda de 'Madição e fe', aquela dos anos imediatamente anteriores a invasão holandesa, 'O sangue de Dona Gertrudes' toma alguns dos seus personagens por empréstimo para contar histórias fascinantes.

A novela consta de três pequenos capítulos - A promessa, Fogo em Olinda e A devoção de Dona Gertrudes - que podem ser lidos na ordem desejada pelo leitor, pois, isoladamente, os capítulos apresentam estrutura completa, com começo, meio e fim, possibilitando desfrute integral de cada um deles. Naturalmente, os capítulos se oferecem à leitura conjunta com a promessa de oferecer uma visão panorâmica do

contexto histórico, econômico, político e social que deu suporte aos episódios neles retratados. Vale dizer que, embora recorra a personagens e cenários do romance 'Maldição e fé' e, de alguma forma, coleie a ambiência geral do texto-mãe, o enredo de 'O sangue de Dona Gertrudes' segue roteiro próprio, podendo ser desfrutado de forma autônoma, sem qualquer prejuízo para a compreensão dos escritos.

Como aviso aos puritanos, deve-se alertar que a história contada em 'O sangue de Dona Gertrudes' não é sanguinária ou sanguinolenta. Em todo o enredo não pinga uma única gota de sangue. O título faz menção à genética herdada e deixada como herança por Dona Gertrudes, mulher possuidora de suave furor uterino, cujo gosto pelas coisas da

carne a fez marcar época no território que tomou para si.

Ao contrário do texto-mãe - que cumpriu o propósito de denunciar, não só a hipocrisia da Santa Inquisição e os padrões morais seguidos pela aristocracia que se formava em Olinda no início do século XVII, mas, também, [de denunciar] a forma como a História dos povos é registrada -, 'O sangue de Dona Gertrudes' é uma comédia cujo objetivo é proporcionar entretenimento aos leitores. De fato, inserido no vasto campo da escrita criativa, 'O sangue de Dona Gertrudes' é uma pequena obra de ficção, sendo inapropriada para ilações de cunho político ou econômico ou sobre a identidade de eventuais fontes inspiradoras.

Assim como fez o autor ao escrevê-la, o leitor deve ter 'O sangue de Dona Gertrudes' apenas como objeto de distração. Só isso.

CAPÍTULO I

A PROMESSA

A confusão foi grande.

A descoberta de que Sofia não era mais moça caíra como uma bomba na casa do senhor Belizário.

Ao tomar conhecimento da desventura da filha, depois de sentir o sangue fugir-lhe das veias e, em meio a uma repentina tontura, ver a visão escurecer, o senhor Belizário bufou com um touro bravo. Aquilo era castigo que ele não merecia.

Logo ele, que, embora tivesse segredos guardados a sete chaves, fazia questão de parecer austero, cultivando a imagem de ser 'o mais conservador da vila'.

Isso sem contar com o rigor como tratava a esposa, Dona Gertrudes, uma santa mulher mantida sob rédea curta, como fosse sua escrava ou prisioneira, autorizada apenas a visitar a irmã Genara, na Ribeira, e a frequentar o Convento da Graça, para a missa e a novena.

De fato, desde que longe da luz vermelha da Hospedaria das Quatro Santas - o casarão soturno nos arredores do mercado do Varadouro dirigido pela sempre-jovem Dona Liana Inanna Lampreia¹, cujo conforto todos recorriam nos momentos de euforia, agonia, solidão ou depressão -, o senhor Belizário era conhecido pela dureza como tratava as

¹ Personagem do romance *Maldição e fé'*, de Alexandre Santos.

coisas. Aliás, de tão sisudo, à exceção das mulheres da hospedaria (que o conheciam tanto ou melhor do que o boticário ou o alfaiate), poucos eram aqueles que já o tinham visto sorrir.

Na realidade, o senhor Belizário só se soltava na hospedaria, onde fazia questão de experimentar toda carne nova que aparecia e não se esquivava dos jogos cuja prenda paga pelos perdedores eram peças da roupa vestida e, invariavelmente, todos terminavam nus, abrindo caminho para grandes orgias.

O senhor Belizário conhecido por todos era aquele que, diariamente, frequentava a missa do Convento da Graça, [era] aquele que, sem quaisquer questionamentos, beijava respeitosamente o anel-símbolo da autoridade religiosa

sempre brilhante na mão estendida por Dom João Anastácio aos fiéis.

Não sabia o senhor Belizário que, tal como qualquer outro, Dom João Anastácio também tinha segredos. E eram segredos muito cabeludos.

Aliás, se as traquinagens testemunhadas por suas batinas fossem conhecidos pelo clero, dificilmente, Dom João Anastácio teria escapado dos rigores do tribunal eclesiástico e seria pároco de convento tão respeitável.

Poucos sabiam, mas, desde os tempos de diácono, exigindo silêncio imorredouro das escolhidas, João Anastácio cobrava penitências extraordinárias às pecadoras, fossem

noviças ou beatas, fornicando-as de todos os modos, sem dó ou piedade.

Com o passar do tempo, mais seletivo, o padre adotou um sistema que, segundo explicava às escolhidas, com o objetivo de dar-lhes uma espécie de 'reserva de remissões antecipadas', aplicava o rigor de forma preventiva.

Assim, o fornicário dispunha de um harém no qual saciava a sua vontade de pecar. Pelo novo sistema, mesmo se o confessor estivesse deserto, desde que houvesse alguma ovelha na igreja, o padre teria como atuar e fazer a remissão preventiva das pecadoras.

Quando o padre chegava à igreja e convocava alguma fiel para a casa paroquial ou para a sala preparatória das oferendas e sacramentos, em meio a

cumplicidade de sorrisos abafados, as jovens sabiam que a escolhida passaria por uma sessão de santa depravação, nas quais o limite era a vontade dele [do padre].

O senhor Belizário não sabia, claro, mas fora numa destas confissões exóticas que, ainda muito jovem, Dona Gertrudes se deu a conhecer e fora conhecida pelo padre João Anastácio.

Na realidade, durante muito tempo, Dona Gertrudes fora a favorita do padre João Anastácio, servindo-o de diversas formas, a ele e a seus parceiros.

Vale dizer que, possuidor de vasta experiência no affair, o padre João Anastácio sabia aplicar penitências apropriadas àquelas cujas virtudes precisavam ser preservadas. Assim, anos mais tarde, quando foi desposada pelo

senhor Belizário sob as bênçãos do próprio padre João Anastácio, Dona Gertrudes mantinha incólumes as membranas que atestavam a sua pureza.

Depois do casamento, por razões óbvias, Dona Gertrudes reduziu a frequência como obtinha o perdão antecipado de pecados ainda por cometer.

De qualquer modo, com uma pontinha de saudades, Dona Gertrudes jamais esqueceu a santa safadeza que a deixava com os fundos em brasa e, vale dizer, já sem as amarras próprias das virgens e mais oferecida, nunca recusou convocação do padre João Anastácio para prestar alguma penitência preventiva.

Se soubessem da satisfação como, desde sempre, embora de forma disfarçada, Dona Gertrudes se entregava

aos sacramentos a ela impostos pelo padre João Anastácio - desfrutando-os com sofreguidão e assumindo-os como rotina cada vez mais frequente -, os mais sábios diriam que seu gosto pela saliência era decorrência de algum tipo de ancestralidade, uma condição herdada da mãe e da avó que, provavelmente, se projetaria sobre suas filhas e netas, sendo responsável pelo comportamento atirado de Sofia.

Assim, vendo na filha um pouco de si mesma, Dona Gertrudes compreendia o calor que a esquentava, alimentando sonhos inconfessáveis e tentando-a a toda sorte de traquinagens.

De fato, a jovem Sofia era uma parada.

Com pouco mais de dezesseis anos, Sofia, que nunca fora nenhuma santa, perdera a virgindade com o sinhozinho Antunes, filho do juiz Amador Collaço², provocando um terremoto na casa do Senhor Belizário.

Ninguém sabia, mas a libertinagem do jovem casal começara meses antes, quando, dizendo a Dona Gertrudes que passaria a tarde com a prima Maria Benta³, ao invés de interromper a descida da Ladeira dos Milagres no porta-e-janela da tia no largo do Varadouro, Sofia seguia para a Casa Grande no caminho do Povo, onde, depois do chamego travesso com o namorado, entrecortado por muitos 'não',

² O juiz Amador Colaço é personagem do romance 'Maldição e fé'.

³ Maria Benta é personagem do romance 'Maldição e fé'.

'aí não' e 'só desta vez', permitia as intimidades desejadas por ambos e, sempre de costas para manter a virgindade tão preciosa, deixava o sinhozinho Antunes penetrar suas tripas até, gritando os urros que tanto a excitavam, se desfazer em jorros quentes no seu interior.

Ela gostava muito da brincadeira, mas o quero-mais falou mais alto e, uma tarde, sem controlar o fogo que ardia dentro de si, ao invés de se virar para receber o namorado por trás, Sofia abriu as pernas e, desfrutando a ardência da primeira vez, o engoliu por inteiro.

Aquele momento de delícias inéditas experimentado pela filha única colocada na Terra por Dona Gertrudes foi um divisor de águas na vida da família do sisudo senhor Belizário.

De fato, o vuc-vuc irresponsável do jovem casal teria levado a vida inteira, mas, pouco tempo depois, numa farra familiar com os primos, ávido para proclamar sua masculinidade, com a coragem proporcionada por uma ou duas botelhas sarrupiadadas da adega maior, o senhorzinho Antunes deu com a língua nos dentes e contou suas intimidades com a cobiçada filha do guarda-livros, inclusive a forma como a tinha deflorado.

Foi o bastante.

Em menos de uma semana, num processo iniciado com o vagar dos segredos e rapidamente impulsionado ao chegar às beatas, que se encarregaram de ecoar a nova a quem quisesse ouvir, de cochicho em cochicho, toda vila soube que

a jovem filha do senhor Belizário já era mulher. E, de moça recatada, filha de piedosos fiéis do Convento da Graça, de uma hora para outra, Sofia passou a ser a mulher mais falada da vila.

Por onde passasse, a jovem arrastava olhares incriminadores e era apontada como se fosse alguma meretriz do cais do porto.

Tão logo soube do acontecido, depois de esbravejar, espancar e confinar Sofia no quarto, em meio à falta de ar que lhe era próprio nos momentos de grandes emoções, especialmente nas raivas extremas, o ímpeto inicial do senhor Belizário foi seguir à casa grande da estrada do povo e, pouco se lixando para o fato de o homem que desgraçara sua filha

ser filho do poderoso juiz Amador Collaço e afilhado do lugar-tenente governador João Paes Barreto⁴, passar o jovem Antunes no fio da espada.

A gritaria das mulheres, especialmente de Dona Gertrudes, no entanto, conseguiu demover o senhor Belizário dos planos de vindita, entregando-o ao mais profundo mergulho em si mesmo.

Sentado com a cabeça entre as mãos, preocupado mais com a própria honra do que com o futuro da filha, o senhor Belizário pensou muitas coisas. O que faria da vida? Que destino daria à filha descabaçada? E, tentando responder a

⁴ O lugar-tenente governador João Paes Barreto é personagem do romance 'Maldição e fé'.

questões como estas, o senhor Belizário passou o resto da tarde.

Muitas coisas passaram pela cabeça dele.

Se a desdita tivesse ocorrido há alguns anos, sem pensar duas vezes, pura e simplesmente, o senhor Belizário teria expulso a filha de casa, colocando-a no olho da rua. Naquela ocasião, no entanto, já sabendo o destino reservado às mulheres soltas nas ruas, foi demovido pela premonição de ver Sofia recorrendo à proteção de Dona Liana e, um dia, ser apresentada e desfrutada por algum dos seus amigos como 'carne nova'.

E, de 'essa-não-serve' em 'essa-não-serve', as alternativas foram sendo descartadas.

Se, pelo menos, a família tivesse algum parente radicado no Povo ou, quem sabe, em Igarassu ou, mesmo, no Cabo de Santo Agostinho, ele poderia desterrar Sofia para longe de Olinda - para onde ninguém a conhecesse e soubesse dela já ser furada, dando-lhe a chance de recomeçar a vida.

No começo da noite, já cansado de pensar e imaginando estar diante de um caso perdido, junto com o soar dos sinos avisando a próxima missa, chegou uma luz inesperada e o senhor Belizário atinou que, talvez, o melhor destino para sua filha fosse consagrá-la à Nossa Senhora da Graça, entregando-a aos cuidados do padre João Anastácio.

Já tranquilizado e confiante no acerto do futuro que daria à filha, o senhor

Belizário chamou a esposa para comunicarlhe a decisão. O que veio pela frente foi um temporal. De fato, antes de o senhor Belizário terminar de apresentar a ideia, contrariando a submissão como se portara por toda a vida, fazendo-o esbugalhar os olhos, Dona Gertrudes gritou como nunca tinha gritado antes.

- Nãooooo.

O guarda-livros - que desconhecia o regime imposto pelo padre João Anastácio às pupilas - não esperava ouvir aquele NÃO gritado pela esposa. Pela explosão da mulher, parecia, até, que ele tinha proposto entregar a filha ao matadouro.

Dona Gertrudes tinha razão, pois, embora o senhor Belizário não soubesse, nas santas celas do convento, uma jovem bonita como Sofia, já sem a pelezinha

certificadora de virtudes, não passaria incólume e, desde os primeiros dias, até ser substituída por outra [jovem] Deus sabe quando, seria usada ao bel prazer pelo padre João Anastácio, de todas as formas possíveis, sempre que a vontade o animasse.

Lembrada dos tempos em que era a preferida do padre e de cada uma das vezes que, depois da missa, ainda na sacristia, levantara o vestido e baixara as ceroulas para ser penetrada pelo fornicário, Dona Gertrudes não desejava destino semelhante à filha.

Ela sabia que, com o gênio herdado da avó, se não estivesse com vontade de se entregar, Sofia não arregaçaria o hábito apenas para satisfazer as vontades do

padre e teria a rebeldia punida com os castigos piores.

- Deixe eu resolver isso, senhor Belizário - Voltando ao recato submisso de sempre, Dona Gertrudes pediu autorização do marido para ir ao convento. Imaginando que, como ele, a esposa também cogitasse no recolhimento religioso da filha e quisesse a opinião do padre, à guisa de permissão, o senhor Belizário grunhiu um rosnado incompreensível.

Contrariando expectativa do marido, Dona Gertrudes não foi ao Convento das Graças e, sim ao Convento da Misericórdia, um pouco mais adiante, onde visitou o frei

Miguel de Fronteras⁵, antigo bispo da vila, então recolhido ao pavilhão dos enfermos.

Ninguém sabia, mas o bispo aposentado fora um dos muitos homens santos que, nos seus tempos de favorita do padre João Anastácio, desfrutara as delícias da beata Gertrudes.

Naquele tempo, numa das muitas vezes que estiveram a sós na casa paroquial, ainda entorpecido pelo prazer, em tom de promessa, o bispo Miguel dissera que, se tivesse um filho, ficaria muito feliz em vê-lo casado com alguém como ela. Pois bem. Anos mais tarde, correu a boca miúda que o boticário Artur de Fronteras⁶, poderoso vereador na

⁵ O frei Miguel de Fronteras é personagem do romance *Maldição e fé*'.

⁶ O vereador Artur de Fronteras é personagem do romance *Maldição e fé*'.

Câmara da Capitania, era filho bastardo do bispo.

Agora, passado muito tempo desde aquelas saliências, o instinto de mulher e de mãe dizia a Dona Gertrudes que, ainda solteiro, o filho bastardo do bispo era a solução para o problema vivido por Sofia.

Era hora de cobrar a antiga promessa feita a ela pelo bispo. Este seria o assunto a ser tratado por Dona Gertrudes no Convento da Misericórdia com o Dom Miguel de Fronteras.

Como em qualquer conversa, depois de se apresentar e lembrar ao bispo acamado quem era e, adocicando a voz, que estivera com ele muitas vezes nos seus tempos de pupila do padre João Anastácio, Dona Gertrudes falou sobre a filha e da sua

vontade de vê-la casada com o Dom Artur de Fronteras, realizando assim a promessa solene por ele feita num momento sublime.

Embora a menção ao filho bastardo tivesse acendido um lampejo de realidade, o ar de ausência não desapareceu e o velho não deu indicadores de se lembrar dela ou, muito menos, de qualquer promessa feita em alguma traquinagem. Dona Gertrudes não esmoreceu.

Sem qualquer recato, reviveu os tempos antigos (tempos que, sem sucesso, ela própria procurava esquecer) e, fazendo como sempre fazia, caprichando na suavidade tão apreciada pelo velho frei, embora soubesse impossível qualquer ereção máscula, a matrona abriu o pijama do velho padre e, enquanto lembrava e

cobrava a sua promessa, sacou o seu membro flácido, avivando sua memória cansada com carícias ritmadas. Comprovando ser mestra no affair e não ter perdido o talento que a fizera permanecer como favorita por muitos anos, Dona Gertrudes manteve o mandrilhar até ouvir o 'sim' desejado.

Pronto! O bispo cumpriria a velha promessa.

Exausto pelo esforço, mas satisfeitíssimo com o repentino e inesperado passeio pelo céu - uma sensação celestial que acreditava não mais voltar a sentir na vida -, revirando os olhos e arfando aqueles que seriam seus últimos suspiros de prazer, [o bispo] conseguiu escrever uma pequena carta ao filho.

No dia seguinte, logo cedo, Dona Gertrudes fez chegar o bilhete ao vereador na campina do Mato Alto, na várzea ao sul da vila.

Tratando-o por 'meu filho', o frei Miguel de Fronteras convidava Dom Artur ao Convento da Misericórdia ainda naquela manhã. Segundo o bilhete escrito com a inconfundível letra trêmula do velho bispo, antes de partir para o encontro com Deus, junto com orientações sobre a herança que lhe deixaria, Dom Miguel queria transmitir-lhe o último desejo.

Da forma como fora encaminhado, o vereador não tinha como recusar o chamado. Assim, tendo como testemunha o padre-confessor encarregado de aplicar a extrema unção e supervisionar a realização da sua última vontade, o vereador Artur de

Fronteras ouviu o velho bispo dizer-lhe que, cumprindo antigo compromisso, [o filho] deveria desposar a filha do guarda-livros Belizário.

Surpreso com a imposição do bispo (que nunca tinha lhe falado no assunto e, provavelmente, não sabia que a filha do guarda-livros não era mais moça-pura), Artur de Fronteras fez a conta rapidamente e, ponderando os prós e contras - casaria com uma mulher descabaçada e [por conta disso] seria chacota dos homens pela vila, mas, em compensação, receberia a fortuna deixada pelo bispo e, de quebra, teria uma fêmea jovem à sua disposição para usar sempre que quisesse, dispensando-o de gastar rios de dinheiro com as cortesãs da Hospedaria das Quatro Santas -, [Artur de

Fronteras] concluiu que o negócio valia a pena.

Com um beijo na testa do velho pai, assentiu ao pedido, selando o acordo proposto no seu leito de morte. O bispo, então, lembrado dos últimos momentos proporcionados por Gertrudes, com um estranho sorriso nos lábios, deu um longo suspiro e pode morrer feliz.

Três dias mais tarde, tão logo encontrou os pais de Sofia na fila de condolências no velório do antigo bispo, na nave principal da Igreja do Senhor do Mundo, no Alto da Sé de Olinda, com o semblante compenetrado de quem está prestes a fazer coisa muito importante (os menos informados diriam que o cenho fechado decorria da emoção de enterrar o

pai), o vereador Artur solicitou uma conversa reservada com o senhor Belizário.

Dispensando os salamaleques fúnebres ensaiados pelo interlocutor, o boticário foi direto ao assunto e, ao lado do cadáver do frei Miguel de Fronteras, tendo o padre-confessor da Diocese como padrinho, pediu a mão de Sofia em casamento.

O choque foi grande.

O guarda-livros não esperava uma conversa como aquela nas exéquias do antigo bispo da vila, muito menos com o seu filho bastardo, o doutor vereador Artur de Fronteras, um homem importante com o qual se encontrava regularmente na pousada de Dona Liana.

Aliás, desde a descoberta da desdita da filha, ainda mantida em rigorosa

clausura, o senhor Belizário estava recolhido em casa, longe do falatório das ruas, sem saber o que fazer.

Embora alertado por um 'está tudo encaminhado' dito e repetido pela esposa Gertrudes desde a visita ao convento, o senhor Belizário não esperava por aquilo. De qualquer forma, disfarçando a alegria e temendo estragar o milagre com uma palavra mal colocada, sem qualquer exigência ou oferta, balbuciou um discurso qualquer, autorizando o casamento da filha com o vereador.

Três meses mais tarde, recalçando a saudade do sinhozinho Antunes Colaço (que carregaria pelo resto da vida), em solenidade simples, numa das capelas do Convento da Graça diante de poucos

convidados, vestida de branco como se fosse uma vestal, Sofia foi entregue em matrimônio pelo senhor Belizário ao vereador Artur de Fronteras.

Uma cerimônia simples, mas plena de felicidades e de realizações.

Dona Gertrudes e o senhor Belizário estavam radiantes, pois, além de restabelecer a honra da filha e da família, aquele casório garantiria um futuro seguro para a filha.

Sofia era alegria pura, pois, mesmo furada, conseguira um marido decente, recobrando a chance de vir a ter uma vida normal.

De sua parte, o vereador Artur também estava muito satisfeito, pois ficara mais rico com a herança recebida e, como queria, teria em casa à sua disposição uma

mulher fêmea, tão ferosa quanto aquelas das quais tanto gostava na Hospedaria das Quatro Santas.

E, assim, com final feliz, terminou primeira parte da história de Sofia, a travessa filha de dona Gertrudes com o senhor Belizário que, mesmo sem segurar as vontades, conseguiu casar de véu e grinalda com um dos homens mais ricos e poderosos de Olinda e [que], tempos mais tarde, veio a fazer a alegria de metade dos rapazes da vila (mas, isso é outra história).

CAPÍTULO II

FOGO EM OLINDA

Não passou muito tempo desde o casamento que livrou Sofia da fama de 'mulher-furada' e restabeleceu-lhe a honorabilidade de moça-de-família até ela sucumbir ao fogo incontrolável trazido do berço. Aliás, embora o casamento com o vereador Artur de Fronteras tivesse aplacado, momentaneamente, o furor herdado da mãe Gertrudes, Sofia jamais deixou de pensar coisas estranhas.

Na realidade, não se pode dizer que Sofia procurou o descaminho de forma intencional.

De fato, além das vontades advindas do sangue materno, outros fatores

impulsionaram o seu retorno à safadeza na qual estava imersa antes do altar salvador.

Com efeito, excetuando o fato de ter-lhe dado a chancela necessária para retomar a convivência com a antiga vizinhança e [de ter-lhe] aberto caminho para a aristocracia tropical formada em torno do lugar-tenente governador João Paes Barreto, Sofia nunca esteve plenamente satisfeita com a condição de esposa fiel do vereador Artur de Fronteras.

Por tudo o que acontecia, rapidamente, Sofia se desiludiu com o casamento e o encanto dos primeiros momentos perdeu força, passando a ser insuficiente para manter-lhe em casa.

Pudera!

Depois de um período mergulhando nela de todas as formas, sem os carinhos e

cuidados apropriados para evitar assaduras, recorrendo, muitas vezes, à violência para obrigá-la a fazer coisas que, embora diferentes (e, seguramente, ausentes do Vade Mecum do Matrimônio Cristão), em outras circunstâncias, [ela] faria de bom grado, o marido esquecera o juramento solene feito numa das capelas do Convento da Graça e voltara à vida desregrada de antes.

Como se ainda fosse solteiro, Artur de Fronteras desaparecia por horas a fio, até voltar para casa, na campina do Mato Alto, na várzea ao sul da vila, tarde da noite, completamente embriagado e com cheiro de mulher. Na visada inversa, aquela combinação era perfeita para quem precisava apenas de uma boa desculpa, de

um empurrãozinho qualquer, para cair na gandaia. Foi o que aconteceu com Sofia.

Na realidade, mantendo a promessa feita aos pais, Sofia suportou a situação e, Deus-sabe-como, controlou as vontades que lhe ferviam por dentro até a partida do senhor Belizário.

Não demorou muito, pois, depois do casamento da filha, menos sisudo, o guarda-livros passou a visitar a Hospedaria das Quatro Santas com maior frequência até que, um dia, em episódio cercado de mistérios e nunca plenamente esclarecido, tombou sem vida, vítima de um mal súbito.

Nunca se soube detalhes do passamento (o silêncio imorredouro era um dos serviços garantidos aos clientes da taberna), mas, segundo o comentário

reinante na Ribeira, o guarda-livros não aguentara o sacolejo selvagem da menina que lhe fora entregue a título de prêmio por uma aposta qualquer e, sem suportar a excessiva perda de energia, batera as botas em cima dela.

Aliás, talvez pela forma como ocorreu, a morte do senhor Belizário não foi muito pranteada por Dona Gertrudes - a qual, diga-se de passagem, por razões sabidas apenas por ela própria e pelo padre João Anastácio, inicialmente sob a desculpa do luto e, depois, por puro amor a causa, passou a frequentar o Convento da Graça com assiduidade quase diária, recobrando a alegria de sempre, nem parecendo ser mulher-viúva.

Na realidade, a morte do senhor Belizário foi o estopim não só para o recomeço da vida quase religiosa de Dona Gertrudes, mas, também, para uma nova fase na vida de Sofia.

Cumprido o compromisso assumido com o pai de manter a compostura, concluído o funeral no campo santo ao lado da igreja matriz, Sofia se viu livre e, de imediato, decidiu ir à luta para recobrar o tempo perdido. Ainda no cemitério, suspirando a morte do pai, Sofia respirou fundo para se encher de coragem e, ao mesmo tempo, esvaziar o juízo de eventuais amarras.

O reinício não foi difícil.

Usando os meios que as matronas conhecem, Sofia fez chegar um bilhete ao

senhor Antunes Colaço - seu primeiro homem e, agora, passados alguns anos desde o namoro irresponsável, um respeitável chefe de família, com esposa e filhos.

- Preciso falar com você - sem maiores explicações, o texto assinado com o inconfundível 'So' por ele conhecido há muito, Sofia orientava o antigo namorado a vir, discretamente pela porta de serviço do casarão na campina do Mato Alto, no meio da tarde, pois 'tinham muito o que conversar'.

Atraído pela curiosidade e lembrado da formosura da antiga namorada, o senhor Antunes tentou recolher a pança surgida nos últimos anos, trocou a roupa e, seguindo a orientação de não fazer alarido,

foi diretamente à entrada lateral da casa do vereador Artur de Fronteras. Ele não sabia qual assunto Sofia queria tratar, mas esperava estar de volta ao seu escritório ainda pela tarde.

Não foi o que aconteceu.

Que conversa foi aquela proposta por Sofia que, sem saber o assunto, o senhor Antunes Colaço só conseguiu sair da campina do Mato Alto no começo da noite.

Estava feliz e exausto.

Fazia tempo que não passava por provação tão rigorosa. De fato, uivando qual uma loba no cio, Sofia não usou qualquer subterfúgio para fazer o que queria e, sem floreio ou prolegômenos, foi direto ao assunto, tratando de saciar as suas vontades e saudadas.

Horas mais tarde, com as forças completamente exauridas, ainda sem saber qual assunto importante o tinha levado à casa do vereador Artur de Fronteras, o senhor Antunes Colaço voltou à Estrada do Povo.

Daquele dia em diante, imaginando qual seria a natureza do 'assunto importante' que tinha pela frente, sempre que recebia bilhetes de Sofia, desafiando o medo de ser flagrado pelo vereador Artur de Fronteras, o senhor Antunes Colaço corria ao Mato Alto.

Foi assim durante meses até que, de um dia para o outro, sem qualquer aviso, os bilhetes de Sofia deixaram de chegar a Estrada do Povo e o senhor Antunes Colaço temeu pelo pior.

Será que, como da vez passada, as traquinagens de Sofia tinham sido descobertas? Como o vereador Artur de Fronteras reagiria aos chifres? Será que, ao contrário do senhor Belizário, ele desejaria lavar a honra com sangue? As dúvidas não o deixaram dormir por dias. O medo fez Antunes Colaço ver a adaga do marido traído em cada folhagem balouçante pelas estradas da vila.

Mas, não era nada disso. Sofia, simplesmente, cansara.

Não [cansara] da safadeza, cujo impulso continuava firme em suas veias. Ela cansara da saliência monótona, quase fraternal, que vinha recebendo e queria mais ousadia. De fato, embora prazerosas, as brincadeiras constantes do cardápio de Antunes Colaço tinham se esgotado e,

insaciável, Sofia queria mais, queria coisa nova.

Desde a última visita de Antunes, aproveitando as saídas do marido, ela tinha experimentado o jardineiro, o entregador de leite e, também, o padeiro. Aliás excluída a sensação de aventura trazida pelo pecado, ela não gostou da forma como as coisas ocorreram. Provavelmente intimidados pelo poder do vereador Artur de Fronteras, tomando-a como patroa, estes novos amantes a trataram com um respeito quase cartorial, produzindo o clima muito aquém das suas expectativas lascivas de fêmea insaciável.

Decididamente, aqueles não eram os homens que ela procurava.

Sofia partiu, então, para novos horizontes e, querendo ser tratada como

fêmea e não como ama carente, aventurou-se no cais da Ribeira e, por duas vezes, experimentou o suor salgado dos homens do mar.

Ali, sim, tratada como rameira por machos rudes que não a conheciam, pode sentir as possibilidades da carne em toda a sua amplitude. De certa forma, era aquilo o que ela queria e, não fosse o risco de ser agredida por algum marinheiro insatisfeito, teria se aquietado por mais tempo.

Na realidade, nenhuma das experiências satisfiz Sofia plenamente. Com o marido deixara de haver vontade; com o antigo namorado Antunes Colaço instalou-se monotonia, com a criadagem não havia a vulgaridade que tanto apreciava, com os homens do mar, havia

brutalidade em excesso. E, Sofia resolveu mudar.

Sofia quis, então, conhecer alguém situado num patamar social superior ao marido.

Mas, quem?

Nos saraus e regabofes que frequentava na corte da Capitania, teto máximo alcançado pelo prestígio do marido, para além dos senhores de engenho, do pároco, do juiz de direito, do comandante da guarda, dos senhorzinhos indo ou vindos da metrópole e dos vereadores colegas de Artur de Fronteras, no degrau maior da vila estava o lugar-tenente governador João Paes Barreto - um homem riquíssimo, casado, quase velho, sofrendo males cujo remédio,

segundo os velhos adágios, era 'capim novo', com muito a dar e, provavelmente, disposto a valorizar quem o fizesse visitar o céu e, sobretudo, [quem o fizesse] gemer sem sentir dor.

Estava decidido.

Seria João Paes Barreto a pessoa com quem Sofia passaria a discutir 'assuntos importantes' durante as tardes na campina do Mato Alto.

Já na tarde seguinte, pouco depois de o vereador Artur de Fronteras sair rumo ao Varadouro sem hora para voltar (como sempre), toda perfumada e trajando o corpete, o espartilho e o decote próprios para a ocasião, Sofia se dirigiu à Torre de Pedras - o palacete no Alto de Olinda, a poucos metros da Igreja do Senhor do Mundo, onde o lugar-tenente governador

mantinha escritório para receber visitas e despachar a administração da vila.

Sob a desculpa de procurar o marido, Sofia conseguiu ser recebida a sós pelo lugar-tenente e, daí em diante, as coisas aconteceram da forma como ela queria.

Habitado a repelir (ou, conforme a vontade do momento, aceitar, usar e dispensar) as cortesãs mequetrefes que se ofereciam acintosamente à sua vontade, João Paes Barreto não estava preparado para o jogo de sedução jogado por Sofia - uma mulher jovem, sofisticada, que sabia olhá-lo da forma como ele queria ser olhado, [que sabia] dizer as coisas que ele queria ouvir, enfim, que sabia agradá-lo, insinuando querer fazer as coisas que ele gostaria que fossem feitas.

Com meia hora de conversa, o lugar-tenente havia sucumbido aos encantos de Sofia e estava completamente apaixonado.

Ainda naquele primeiro encontro - como, sem enfrentar qualquer resistência, costumava fazer com todas aquelas que queria -, sem conter o impulso de macho, João Paes Barreto tentou abraçar Sofia.

Tentativa vã, pois, com um sorriso cheio de promessas e uma rabissaca charmosa, ela o afastou.

- Hoje, não, meu senhor. Sou casada e não estou pronta para aquilo que o senhor quer... - e, baixando os olhos, como se fizesse uma confissão, disparou - e eu também quero.

No dia seguinte, depois de uma noite insone, com a lembrança de Sofia presente nas cabeças, ao chegar à Torre de Pedra, o lugar-tenente governador foi recebido por um bilhete perfumado.

- Preciso falar com você - sem maiores explicações, Sofia dizia que tinha 'um assunto muito importante' para conversar com ele e orientava João Paes Barreto a ir ao casarão na campina do Mato Alto, no meio da tarde, depois da saída do marido - Entre discretamente pela porta lateral. Temos muito o que conversar.

Sofia não precisava dizer mais nada.

Naquela tarde, logo cedo, usando arbustos do caminho da várzea como esconderijo, João Paes Barreto esperou

pela saída do vereador Artur de Fronteras para se apresentar para a conversa desejada por Sofia.

Com pouquíssimas palavras, a conversa foi longa e extenuante.

Tão ao gosto do lugar-tenente, que ele só foi embora no começo da noite e, mesmo assim, quando foi expulso por Sofia com um ameaçador "Está na hora do meu marido voltar".

Daquele dia em diante, entre um sobressalto e outro, o lugar-tenente governador e a Sofia passaram a se encontrar regularmente, pelo menos, três vezes na semana para 'conversar sobre assuntos importantes'.

Embora a maioria das conversas ocorressem no fim da tarde na alcova da casa do vereador Artur, muitas delas ocorriam no escritório da Torre de Pedra, especialmente depois que Sofia foi contratada pelo governo da Capitania para auxiliá-lo na administração da vila.

Apesar de não gostar de a esposa trabalhar fora, o vereador reconhecia o prestígio da função exercida por ela e, no fundo, não tinha coragem para contestar o convite do lugar-tenente governador. Assim, muitas vezes, sem saber, o vereador serviu de estafeta para levar e trazer recados que aumentavam a envergadura da galhada sobre a testa.

Eram tantas as conversas entre Sofia e o lugar-tenente que um observador mais atento poderia até cogitar na convivência do

vereador com a sem-vergonhice da esposa. Na realidade, de tão entretido com a vida desregrada que levava sob os auspícios de Dona Liana, na Hospedaria das Quatro Santas, talvez por não dar qualquer atenção a esposa, o vereador não percebia as chifradas que levava a torto e a direito.

Enquanto, como dois loucos arrebatados, Sofia e João Paes Barreto conversavam, conversavam e conversavam e, da sua parte Artur de Fronteras se entregava aos prazeres oferecidos por Dona Liana ou por algumas das mulheres da Hospedaria das Quatro Santas, o senhor Antunes Colaço murchava seco.

Longe de Sofia, sem qualquer distração, o antigo namorado e amante via a vida perder o sentido e, imaginando-a

nos braços do marido, se corroía em ciúmes.

Uma vez, sem saber exatamente aquilo que, de fato, estava acontecendo, Antunes viu Sofia (que parecia mais bela) entrando na charrete do lugar-tenente e pensou que a deferência da autoridade maior da vila se devesse ao prestígio do seu desafeto e, diminuído, quis em ir à forra. Pensou desafiar o vereador Artur de Fronteras a um duelo de vida e morte. Se fosse vencedor, sem o marido para atrapalha-lo, teria alguma chance de recobrar a felicidade. Se perdesse e viesse a morrer, não perderia muita coisa, pois a vida sem Sofia lhe parecia vazia. Atinou, então, que, tecnicamente, não tinha um motivo para justificar o desafio.

Foi quando, tomado pelo calor, decidiu tomar Sofia à força nem que, para isso, precisasse por fim à vida daquele que os estava separando. Se fosse necessário, passaria o vereador no fio da espada e, depois, pouco importando as consequências, veria como as coisas ficariam.

Era um plano simples: chegaria de surpresa no Mato Alto, invadiria a casa e arrebataria a mulher que amava. Se o vereador se colocasse entre eles, [ele] simplesmente, o sangraria. E, assim, com o plano na cabeça, passou horas pensando e afiando o fio da espada.

No dia seguinte, conforme planejado, devidamente armado, no final da tarde, sem qualquer anúncio, o senhorzinho

Antunes entrou pela porta lateral da casa do vereador e foi direto para a alcova que tanto conhecia. Percorrendo os corredores já percorridos por ele nos tempos durante os quais conversava regularmente com Sofia, soltando as roupas pelo caminho, sem qualquer barulho, chegou ao quarto, onde esperava encontra-la sentada à penteadeira como de outras vezes.

A cena que viu, no entanto, deixou Antunes estatelado.

Havia um homem fincado entre as pernas de Sofia, em plena conversa, mas não era o vereador Artur de Fronteras. Era o lugar-tenente João Paes Barreto, seu padrinho.

Aquilo mudava tudo.

Uma coisa era ele matar um vereador malquisto pela sociedade e situado no

mesmo patamar social que ele. Outra coisa era assassinar o lugar-tenente governador da Capitania.

O impacto foi tão grande que Artur não percebeu quando, surpreso e assustado, o lugar-tenente governador João Paes Barreto desencaixou-se de Sofia e saltou sobre ele. E os dois homens nus se engalfinharam.

Foram momentos de muita tensão, especialmente porque, perturbando-os ainda mais, ruídos na porteira do sítio indicavam a chegada do vereador Artur de Fronteras - uma situação estranha e vexatória, que, estranhamente, talvez por representar risco para o trio, apaziguou os ânimos no quarto, interrompendo a altercação e estabelecendo completo silêncio.

Como se formassem uma quadrilha, vendo no marido que chegava um inimigo comum, os três pecadores suspenderam as hostilidades entre si e adiaram o próximo passo da peleja entre eles para outro momento.

Aquela não era hora para querelas, pois tinham coisa mais importante para fazer. Afinal de contas, como explicar o fato de Sofia estar nua em companhia de dois homens igualmente nus? Se por um lado, Sofia e o lugar-tenente não tinham como negar ao senhorzinho Antunes Colaço o pecado que vinham cometendo, por outro [lado], o senhorzinho Antunes Colaço não tinha como explicar ao lugar-tenente a razão que o fizera invadir o quarto de Sofia completamente nu. Estava claro que, naquele trio, não havia santo.

Os segundos passavam lentamente e, quando a situação parecia perdida, Sofia lembrou das outras vezes que o marido chegou mais cedo, concluindo que ele devia estar embriagado. Fez, então, o sinal de silêncio para os homens e, com as roupas do lugar-tenente nas mãos, pé ante pé, os conduziu pelo corredor que levava ao quintal. Ao tempo que o ridículo cortejo de desnudos chegava ao portal da cozinha, aos tropeços, o vereador entrava na casa.

De tão bêbado, o marido corneado não viu o rastro de roupas largadas pelo chão pelo senhorzinho Antunes Colaço, no rumo do quarto.

- Sofia - berrou o marido, com a voz embotada de cachaça e vinho.

Ainda nua, recolhendo e jogando a roupa de Antunes Colaço pela janela como

se livrasse das 'provas do crime', Sofia se apresentou para o marido.

- Estou pronta para as suas ordens, senhor Artur - se ofereceu como forma de explicar a própria nudez. Encenação desnecessária, pois, bêbado como sempre, o vereador desdenhou a inusitada oferta da esposa, virou-se na cama e, simplesmente, caiu no sono.

Com um sorriso maroto, Sofia foi ao encontro dos dois homens ainda nus, que esgueirados na parede do alpendre e parecendo pacificados, aguardavam um desfecho para a aventura inesperada.

- Por hoje, acabou a brincadeira, rapazes. Vão-se embora sem brigas - Sem qualquer recato, Sofia os despachou para fora da propriedade, usando ambas as mãos para amolegá-los simultaneamente à

guisa de despedida complementada por rápidos beijos na face.

Sem qualquer entrevero, como se não tivessem estado a ponto de matarem-se há pouco, em silêncio, os homens de Sofia vestiram as roupas e, tomando caminhos antípodas da estrada, voltaram para as suas casas, onde puderam sonhar com o próximo encontro com ela.

Daquele dia em diante, acomodando necessidades e desejos, sem negar nada ao marido (cada vez mais ausente), Sofia se dividia entre os outros dois homens da sua vida, continuando a dar-se com fervor arrebatado ao lugar-tenente governador onde e da forma como ele quisesse e, nas poucas horas restantes, recebia o primeiro

namorado em conversas que o levavam à loucura.

E, assim, terminou a história de Sofia, a filha do finado senhor Belizário com a beata Dona Gertrudes, que - assim como fez a mãe com a comunidade eclesiástica do Convento da Graça -, durante muito tempo, sem jamais perder o encanto e o apetite, fez a alegria de alguns dos homens mais importantes de Olinda, incluindo o lugar-tenente governador da Capitania.

CAPÍTULO III

A DEVOÇÃO DA IRMÃ GERTRUDES

Como todas as moças do seu tempo, Gertrudes era muito vigiada.

Afinal de contas, nos termos dos costumes da época, quando chegasse a hora do matrimônio, ela precisava chegar ao altar pura como uma vestal, com as peles e membranas íntegras. Não era sem razão, portanto, a vida monótona imposta a ela pelos pais, especialmente pela mãe - que passara pela idade da filha e sabia das picardias pensadas por ela -, que a mantinham na rédea curta, bem distante dos mancebos, seres sempre gulosos e irresponsáveis.

- Há uma idade certa para tudo, minha filha - dizia a mãe sempre que proibia Gertrudes de comparecer aos saraus e quermesses promovidos por Dona Brites, a mulher do capitão governador.

Os anos se arrastaram até que, um dia, pura como a flor do lírio, Gertrudes chegou ao tempo de acompanhar a mãe ao Convento da Graça e ser liberada para cumprir atividades religiosas - o caminho natural que levava ao debut das moçoilas casadoiras.

Quanta alegria! E, contrastando a monotonia de casa, a menina-moça passou a viver uma rotina diferente.

A jovem Gertrudes descobriu um universo embalado por missas, ofertórios, novenas, orações, ladainhas, procissões,

confissões, comunhões, missais, corais, velórios, cantos gregorianos e tudo o mais que anima a vida eclesiástica.

O entusiasmo da descoberta, no entanto, durou pouco. De fato, embora a movimentação na igreja fosse melhor do que a mesmice vivida em casa, o lengalenga paroquiano também era um grande marasmo, chegando a ser chato.

De repente, sem que Gertrudes esperasse, houve uma reviravolta na rotina do convento e surgiu um novo tempo na vida dela.

De fato, a mesmice da igreja acabou com a chegada do novo pároco - um tal padre João Anastácio, um homem moderno que passara uns tempos em Lisboa.

E a vida de Gertrudes passou por uma revolução.

Na realidade, o novo estágio na vida da menina-moça foi alcançado aos poucos. Só depois de algum tempo, observando o movimento, crescendo, sonhando ser verdade os boatos e cochichos ouvidos pelos corredores, Gertrudes atingiu o 'ponto de corte', habilitando-se ao degrau que, durante muito tempo, deu sentido a sua vida.

A conquista do novo patamar demorou, mas, quando a evolução começou, as coisas se precipitaram e, rapidamente, o processo se consolidou. De tão marcante, Gertrudes jamais esqueceu as coisas ocorridas naqueles tempos.

Pudera!

Num tempo em que tudo era pecado, Gertrudes descobriu uma forma de se divertir e se deliciar, não só, sem ofender as coisas de Deus, mas, pelo contrário, o fazer sob a proteção e auspícios de seus representantes na Terra. De fato, ninguém esqueceria.

Na ocasião, embora tivesse ouvido rumores à boca miúda, Gertrudes só acreditou na santa patifaria (tão aguardada) quando, indicando ser a próxima da lista, o padre pediu para ouvi-la em confissão, tomando-a pela mão e conduzindo-a ao confessionário. Sabendo que, um dia, chegaria a sua vez, Gertrudes estava ansiosa e, de tão impactada pela emoção do momento, ficou nervosa, as pernas fraquejaram e a voz sumiu.

A primeira confissão com o padre João Anastácio a marcaria pelo restante da vida.

Sem dizer uma única palavra após o "Fale, minha filha. Conte todos os seus pecados, sem esquecer nenhum deles", o padre-confessor a ouviu por longos minutos.

Com a voz insegura, Gertrudes relatou tudo aquilo que, de alguma forma, pudesse ser visto como 'pecado'.

A confissão era um martírio, pois seus 'pecados' eram os 'pecados' de qualquer menina-moça da sua idade - raivas, gulas, pequenas mentiras, coisas bobas assim. Assim, a rigor, por mais severo que fosse o critério de julgamento, não havia pecado naquela confissão. Esta, no entanto, não era a opinião do padre.

- Pode até não parecer, mas seus pecados são graves e a remissão exige um gesto de entrega silenciosa - sentenciou o padre João Anastácio, ao tempo que, cobrando sigilo com um sinal sobre os lábios, tomou as mãos de Gertrudes, colocando-as por dentro da batina, tateando até depositá-las sobre o órgão 'remissor', onde as deixou à guisa de penitência.

Em sua inocência, Gertrudes não sabia que houvesse um órgão remissor e, dirigida pelo padre, o segurou com firmeza, sentindo-o crescer nas suas mãos. Sempre seguindo a orientação do confessor, ela o acariciou [o órgão remissor] até que, em meio a um espasmo acompanhado por uma espécie de urro do padre João Anastácio, jorrou um líquido pegajoso.

- Você está perdoada - ao levá-la à porta da igreja, o padre explicou que aquela penitência era um segredo cuja revelação constituiria um pecado mortal - Volte amanhã, Gertrudes. Vamos fazer nova confissão.

Naquela noite, com o pensamento recorrente na confissão e no tamanho e rigidez do órgão remissor, Gertrudes quase não dormiu e, quando conseguiu pregar os olhos, já pela madrugada, sonhou com a estranha penitência a que fora submetida.

De qualquer forma, graças à generosidade do padre, independente da sua gravidade, teve os pecados perdoados.

Quando acordou, mesmo assustada com a dinâmica da nova etapa que passara a viver na igreja, Gertrudes descobriu-se

ansiosa por voltar a se confessar e, mais que isso, [ansiosa por voltar a] sentir a rigidez do órgão remissor do padre e de sentir o líquido pegajoso que dele saía por ocasião do perdão dos pecados.

E, com uma dose de ansiedade nunca admitida, mantendo o recato de sempre, com os olhos baixos, Gertrudes voltou à igreja nos dias seguintes, permanecendo distante do padre João Anastácio até ser convocada para a confissão rotineira.

Ao final do primeiro mês, já sem a necessidade de qualquer convite ou convocação, revelando seu inegável apreço pela safadeza, Gertrudes se apresentava ao padre.

- Pequei, padre, e preciso da sua remissão - dizia com um sorriso pecador.

Foi numa dessas confissões, que, mesmo diante dos pecadilhos de sempre, ao invés da penitência usual, o padre elevou a gradação da reparação.

- Hoje, seus pecados são mais graves e a prenda será maior.

Com um misto de medo e curiosidade, Gertrudes se entregou.

Naquele dia, ao invés de confiar o órgão remissor aos carinhos de Gertrudes, o padre a levou até a cela por trás da sacristia e, com delicadeza para não assustá-la, depois de levantar-lhe as saias, baixar-lhes as calçolas e besuntar lhe o vaso traseiro com azeite batismal, [ele] cravou o órgão remissor na flor raiada que lhe coroava as tripas, penetrando-a por inteiro e mantendo um vai-e-vem ritmado até o jorro santo que a livrava dos pecados.

Começava, então, uma nova etapa na vida religiosa de Gertrudes.

Ao voltar para casa, antes de se recolher, com os fundos em brasa e lembrada do 'Não tema. Você continua pura como quando nasceu' sussurrado ao seu ouvido pelo padre João Anastácio quando recompôs as suas vestes, Gertrudes se perguntou se queria voltar a se confessar com ele.

A noite foi insone e preenchida por lembranças, que, de certo modo, a confundiram.

Com uma figada ardida que não a deixava esquecer o vaso lacerado, Gertrudes lembrou da vida monótona de antes das confissões e ficou incerta. Em alguma hora da madrugada, no entanto, o

sangue quente das mulheres do tramo familiar da sua mãe falou mais alto e, já esquecida ou habituada com a ardência no furico, ela pareceu convencida de que pior do que ser cravada pelo padre seria passar a juventude insossa, dedicada às lições de bordado, costura, cerzido, cozinha, tricô e às fofocas. E, sem saber a hora, vencida pelo sono, Gertrudes dormiu.

Sonhou, então, que seu vaso traseiro estava recomposto e pronto para as penitências necessárias à expiação dos pecados capazes de levá-la ao inferno.

No dia seguinte, Gertrudes não tinha mais dúvidas: sim, ela queria voltar a se confessar com o padre João Anastácio e, se pudesse, se confessaria todos os dias, queria sentir o órgão remissor penetrar-lhe as carnes, queria ouvir o urro másculo no

seu ouvido, queria sentir o jato quente que perdoava seus pecados.

Pela tarde, logo cedo, Gertrudes se apresentou ao padre.

- Pequei, padre. Salve a minha alma.

Não era preciso dizer mais nada. Pastor e ovelha se compreendiam.

E, assim, querendo e sabendo aquilo que a jovem queria, o padre João Anastácio elevou Gertrudes à condição de favorita, confessando-a sempre que podia.

Por aqueles tempos, caprichando para redimir todos os pecados - fossem eles presentes, passados ou futuros -, preocupados apenas em manter a virtude necessária ao casamento no altar, o padre

e sua favorita usaram o órgão remissor de diversas formas, inovando penitências.

Um belo dia, antes que Gertrudes avançasse sobre o seu órgão remissor, como vinha fazendo há algum tempo sem qualquer prurido ou recato, sem admitir que fora forçado pela cúria a compartilhar seu rebanho sob pena da exclusão da Ordem e excomunhão, o padre João Anastácio anunciou

- Hoje, a sua confissão não será ouvida por mim e, sim pelo bispo Miguel de Fronteras, um homem santo e piedoso. Seja dócil e carinhosa, como sempre.

Gertrudes não ficou chateada. Ao contrário daquilo que algumas moças poderiam pensar, Gertrudes não interpretou a atitude do padre como um

descarte desrespeitoso. Pelo contrário. Interpretou o fato de o padre João Anastácio tê-la encaminhado à maior autoridade eclesiástica da Capitania como reconhecimento de ela ser uma pecadora agradável, talvez a mais agradável da paróquia. Resolveu, então, fazer jus ao merecimento a ela atribuído.

Inicialmente sem saber o que fazer, Gertrudes aguardou a iniciativa do bispo, mas, diante da sua indecisão, resolveu fazer as coisas que, segundo achou, deveriam ser feitas.

Poucos segundos de penitência foram suficientes para ensinar a Gertrudes que, com poucas diferenças, todos os homens se pareciam. E, fazendo aquilo que sabia fazer de melhor, a favorita do padre pôs o bispo para gemer sem sentir dor.

- Como é o seu nome, minha santa? -
balbuciou o bispo apaixonado.

- Meu nome é Gertrudes, eminência,
e, sempre que o senhor quiser, estarei aqui
para receber a sua benção.

- Se eu tivesse um filho, gostaria que
ele casasse com alguém como você - a
frase, entrecortada pelo respirar arfante e
dita com os olhos revirados de prazer, dava
a exata dimensão do entusiasmo como o
bispo apreciou a forma como Gertrudes
recebeu os sacramentos por ele aplicados.

Daquele dia em diante, por muito
tempo, sem perder a condição de favorita
do padre - e, diga-se de passagem, sem
adquirir ou desenvolver ambições de
'crescer' na hierarquia eclesiástica, usando
sacerdotes como escada -, Gertrudes

passou a se confessar regularmente (pelo menos uma vez por mês) com o bispo Miguel de Fronteras.

Aquele regime, no entanto, não lhe granjeou qualquer vantagem.

Na realidade, com a gula sempre atiçada pelas carnes novas que não paravam de chegar a paróquia, agindo como agia, parecendo nunca valorizar a devoção demonstrada por qualquer das suas pupilas (e, claro, não seria diferente com Gertrudes), o padre João Anastácio fez andar a fila das aprendizes de beata e, renovando o plantel das servas, terminou por eleger uma nova favorita.

Assim, ao tempo que adensava a frequência das confissões aplicadas à menina-moça trazida pelo bispo, o padre rareava as convocações de Gertrudes, que,

embora nunca tenha admitido, precisou sufocar algumas crises de ciúmes para não explodir alguma rebeldia inaceitável.

De qualquer forma, não havia nada que Gertrudes pudesse fazer para restaurar a sua posição de primazia. O sorriso matreiro da nova favorita dizia tudo.

No começo, Gertrudes tentou compreender a nova situação - talvez tivesse ficado velha, talvez tivesse perdido o sabor de novidade. O fato é que tinha sido substituída por alguém mais jovem e pronto.

Restava-lhe a resignação.

Não havia sequer a quem reclamar. Afinal de contas, era exatamente o seu padrinho, o padre João Anastácio, aquele que, segundo suas próprias vontades,

escolhia as favoritas. Compreendendo a situação e ciente da sua impotência, Gertrudes temeu pelo futuro. Será que o tédio voltaria a tomar conta da sua existência? Resolveu, então, dar um novo passo na estrada da vida.

- Acho que estou na idade de casar - Gertrudes, que mal completara 16 anos, quebrou o silêncio que a família guardava no jantar para anunciar sua conclusão.

Ela estava pronta para ponderar qualquer resistência dos pais, mas não foi necessária qualquer argumentação. Aliás, pelo sorriso da mãe - que (Gertrudes não sabia), lembrada dos seus tempos de frequentadora assídua do convento, imaginava razões para a decisão repentina da filha - logo acompanhado pelo pai, de

alguma forma todos esperavam o desabrochar daquela vontade.

Assim, dispensada de qualquer explicação, Gertrudes se inseriu no arremedo de comemoração, fazendo o sorriso mais inocente que conseguiu fazer.

Os próximos dias foram de muita movimentação.

Com a ajuda do próprio padre João Anastácio, a família de Gertrudes tratou de procurar um noivo para a filha. O empenho do padre João Anastácio - que, na condição de confessor do Convento da Graça, conhecia todos os fiéis da paróquia, incluindo os sonhos reprimidos e os pecados cometidos - foi decisivo na busca.

A busca foi rápida. Afinal de contas, entre os homens solteiros e bem situados, não havia muitas opções.

Em menos de um mês, Gertrudes conheceu seu futuro marido: o guardalivros Belizário, um homem sisudo, temente a Deus, quase vinte anos mais velho do que ela - fatores que não perturbavam Gertrudes, pois, da experiência com Dom Miguel de Fronteras no convento, sabia como lidar com estas coisas.

Gertrudes não sabia, mas, satisfeito com as noitadas na Hospedaria das Quatro Santas, Belizário só aceitou a perspectiva do casamento depois que o padre João Anastácio o ameaçou com a excomunhão por pecados contra a carne. Assim, pelo menos até a noite de núpcias, antes de ser

conquistado pelo fogo de Gertrudes, Belizário tomou o matrimônio como uma espécie de castigo de expiação sacramental pelas farras desregradas que fazia com as meninas de Dona Liana Inanna Lampreia.

O noivado foi rápido e, poucos meses depois de rebaixada no plantel das pupilas do padre João Anastácio, com vasta experiência sobre o funcionamento da libido dos homens, algumas pregas a menos, mas com a membrana da pureza incólume, Gertrudes chegou ao altar da capela menor do Convento da Graça, o mesmo que testemunhara muitos dos suplícios nela aplicados pelo padre João Anastácio sob a justificativa de redimir seus pecados.

Assim, enterrando um passado que não interessava a ela e, muito menos, aos mentores da fornicção eclesial, em cerimônia conduzida pelo padre que a iniciara na vida e sob as bênçãos do bispo Miguel de Fronteras, Gertrudes foi dada em matrimônio ao guarda-livros Belizário.

Usando o talento aprendido e desenvolvido nos tempos de pupila favorita, desde a primeira noite na casa na Ladeira dos Milagres, Gertrudes conquistou a afeição do marido - o qual, diga-se de passagem, embora, em público, conservasse o jeito sisudo e o cenho permanentemente contraído, quando recolhido à alcova, relaxava e se esbaldava, entregue aos carinhos da esposa.

O vuc-vuc funcionou e, nove meses, mais tarde, nasceu uma linda menininha, que, em homenagem à santa que Gertrudes queria ela fosse, recebeu o nome de Sofia.

Sofia cresceu como todas as outras meninas, mas, marcada pela ancestralidade, demonstrou, desde cedo, um fogo interior só compreendido pela mãe Gertrudes.

Assim, não causou surpresa à mãe quando, pouco depois de ela completar 16 anos, estourou a notícia de que, todas as tardes, ao invés de, como dizia, ir prosar com a prima Maria Benta no largo do Varadouro, Sofia seguia para a casa do juiz Amador Collaço, no caminho do Povo, onde se dava de frente e de costas ao seu

filho [filho do juiz], um certo sinhozinho Antunes.

A notícia de que Sofia não era mais virgem explodiu como um terremoto na casa dos pais e o senhor Belizário quase teve um ataque.

Enquanto recolhida ao quarto, Sofia era questionada pela mãe porque não fizera como as outras moças, que usavam apenas o vaso traseiro para se divertir, o senhor Belizário remoía alguma solução.

Conhecendo o marido como conhecia, Gertrudes imaginou tudo, menos a saída imaginada por ele: incorporar a filha ao rebanho do padre João Anastácio, amigo e confessor da família, que, tendo começado muito jovem, era o pároco da freguesia e cônego prior do convento.

- Acho que devemos internar Sofia no Convento da Graça.

- Nãoooo - o grito da esposa o surpreendeu. Parecia, até, que o senhor Belizário tinha proposto desterrar a filha.

O senhor Belizário não tinha como saber, mas, na realidade, a preocupação de Gertrudes decorria das suas próprias lembranças. Ela não queria que a filha tivesse destino semelhante ao seu. Ela sabia que uma jovem bonita como Sofia e sem a pelezinha certificadora de virtudes não passaria incólume à gula do padre João Anastácio e, desde os primeiros dias, seria usada de todas as formas.

Assim, lembrada das vezes que levantara o vestido e baixara as ceroulas para ser penetrada pelo fornicário,

Gertrudes jurou para si mesma que descobriria um destino melhor para a filha.

- Deixe que eu resolvo isso, senhor Belizário.

Gerturdes pediu a autorização do marido para ir ao convento. Imaginando que a esposa quisesse combinar detalhes da admissão de Sofia com o padre João Anastacio, o senhor Belizário concordou.

Dona Gertrudes, no entanto, não foi ao Convento da Graça como esperava o marido, mas, sim, ao Convento da Misericórdia, um pouco mais adiante, onde visitou o frei Miguel de Fronteras, antigo bispo da vila, então recolhido ao pavilhão dos enfermos.

Passados muitos anos desde as saliências testemunhadas pela sacristia da capela-menor do Convento da Graça, Dona Gertrudes iria cobrar a promessa feita pelo bispo num momento sublime qual, com os olhos em êxtase, disse que, 'se tivesse um filho, gostaria de vê-lo casado com alguém como ela'.

Pois bem. O instinto de mulher e de mãe dizia a Dona Gertrudes que, ainda solteiro, o boticário Artur de Fronteras, poderoso vereador na Câmara da Capitania e filho bastardo do bispo, era a solução para o problema vivido por Sofia.

Este seria o assunto que Dona Gertrudes trataria com Dom Miguel de Fronteras no Convento da Misericórdia.

Depois de adocicar a voz e lembrar ao bispo acamado momentos que tiveram a sós na casa paroquial nos seus tempos de pupila do padre João Anastácio, Dona Gertrudes falou sobre a filha e da vontade de vê-la casada com o Dom Artur de Fronteras, realizando assim a promessa de tempos atrás.

Embora a menção ao filho bastardo tivesse acendido um lampejo de realidade, o ar de ausência não desapareceu e o velho não deu indicadores de se lembrar dela ou, muito menos, de qualquer promessa feita durante alguma traquinagem. Dona Gertrudes não esmoreceu.

Sem qualquer recato, reviveu os tempos antigos (tempos que, sem sucesso, ela própria procurava esquecer).

Fazendo como sempre fazia, caprichando na suavidade tão apreciada pelo bispo, embora soubesse impossível qualquer ereção máscula, Dona Gertrudes abriu-lhe o pijama e, enquanto lembrava e cobrava a sua promessa, sacou o seu membro flácido, avivando sua memória cansada com carícias ritmadas.

Comprovando ser mestra no affair e não ter perdido o talento que a fizera permanecer como favorita do padre por muitos anos, Dona Gertrudes manteve o mandrilhar até ouvir o 'sim' desejado.

Depois daquele momento, tudo aconteceu muito rápido.

Em menos de três meses - consciente da força exercida pelas fêmeas nas decisões dos machos e rezando uma 'Ave,

Maria' em agradecimento a alma do antigo bispo, que no leito de morte fez valer a força da sua fortuna e a autoridade de pai para convencer o vereador Artur de Fronteras a fazer a parte que lhe cabia na promessa jurada durante um pecado jamais expiado -, em meio aos suspiros comuns numa mãe realizada, Dona Gertrudes viu quando, todo orgulhoso, o senhor Belizário se aproximou do altar e entregou a filha Sofia ao vereador Artur de Fronteras, a quem, sob o olhar cândido do padre João Anastácio, jurou amor, respeito e fidelidade "na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza", por todos os dias da vida, até que a morte os separasse.

Pronto! Dona Gertrudes fizera a parte dela.

Mesmo furada, conseguira casar a filha na igreja, de véu e grinalda.

Agora, cabia-lhe torcer para que, contendo o furor uterino dela herdado, Sofia conseguisse cumprir a promessa solene feita ao receber o sacramento do matrimônio. Por aquilo que conhecia da filha e de si própria, Dona Gertrudes desconfiava da sinceridade dos votos proferidos e sabia ser uma questão de tempo até Sofia violar a fidelidade prometida no altar. O tempo diria.

Com a filha recolhida a casa grande da campina do Mato Alto, na várzea ao sul da vila - de onde, além de fazer de bom grado as vontades do doutor vereador Artur de Fronteras, retomara a convivência social, passando a frequentar a aristocracia

tropical formada em torno do lugar-tenente governador João Paes Barreto -, Dona Gertrudes pode voltar aos afazeres de dona-de-casa, cuidando do marido, fofocando com a prima e cumprindo a rotina vivida pelas beatas frequentadoras do Convento da Graça.

Com pouco tempo, no entanto, das visitas que fazia e recebia da filha Sofia, sem ouvir qualquer reclamação, pelo ar tristonho e suspiros, Dona Gertrudes percebeu a existência de problemas e, prontamente, atçou o sexto sentido das mulheres.

Como não devia ser falta de vigor do vereador Artur de Fronteras - que, embora fosse quase vinte anos mais velho do que Sofia, segundo o falatório corrente no convento, a exemplo dos demais homens

bem situados, mantinha idas regulares à Hospedaria das Quatro Santas -, deveria ser algo com a própria Sofia. Excesso de fogo não correspondido, saudades da vida de solteira.

Podia ser qualquer coisa.

De qualquer forma, a filha vinha suportando bem a vida de casada e, pelo menos até onde ia o conhecimento de Dona Gertrudes, guardava seus calores apenas para o marido.

Depois do casamento da filha, agindo como se estivesse se livrado de um grande fardo, o senhor Belizário se soltou.

Menos sisudo no dia-dia, o guarda-livros passou a visitar a Hospedaria das Quatro Santas com maior frequência.

O comportamento não era de todo reprovável, pois, segundo o costume da época, era comum os homens 'bem situados' visitarem as tabernas, mas ele estava passando da conta. Desdenhada, Dona Gertrudes chegou a reclamar à irmã de que o marido deixara de lhe dar assistência na alcova.

Dona Gertrudes não sabia, mas parte da mudança do senhor Belizário se devia ao estoque de carne nova recebido por Dona Liana. Vindas de ninguém-sabe-donde, de uma hora para outra, a hospedaria se encheu de mulheres de todas as idades e, como cliente antigo, desde que não houvesse cliente melhor situado presente na casa, por ordem de Dona Liana, o senhor Belizário tinha a primazia nas suas escolhas.

E, assim, decidido a provar todas as carnes novas no menor prazo possível, o senhor Belizário passou a se fazer presente no rendez-vous com grande assiduidade.

O vuc-vuc do velho continuou até que, um dia, em episódio cercado de mistérios e nunca plenamente esclarecido, ele tombou sem vida, vítima de um mal súbito.

Nunca se soube detalhes do passamento. Embora a boca-de-siri fosse um dos serviços garantidos por Dona Liana aos clientes da Hospedaria das Quatro Santas, a fofoca reinante na taberna e que, logo, tomou a Ribeira foi a de que o guarda-livros não aguentara o sacolejo selvagem da menina que lhe fora entregue a título de prêmio numa aposta qualquer e,

sem suportar a excessiva perda de energia, batera as botas em cima dela.

A forma como se deu o passamento do Senhor Belizário funcionou como uma punhalada no coração de Dona Gertrudes, a qual, diga-se de passagem, apesar do fogo que não parava de incendiar vontades, nunca traíra os votos prometidos no altar ou faltara às convocações do marido.

Na realidade, pela forma ou por significar uma espécie de alforria, a morte do marido não foi muito pranteada por Dona Gertrudes.

Aliás, ainda no campo santo do Convento da Misericórdia, durante o sepultamento do senhor Belizário, ela tomou a decisão de retomar parte da vida

roubada pelo casamento e voltar se entregar aos desígnios escritos por Deus. Com o corpo do marido ainda velado em câmara ardente, Dona Gertrudes puxou o prior do Convento da Graça de lado e confessou a nova vida que pensara para si.

Assim, por razões sabidas apenas por ela própria e pelo padre João Anastácio, inicialmente sob a desculpa do luto e, depois, por puro amor a causa, Dona Gertrudes passou a frequentar o Convento da Graça com assiduidade quase diária, recobrando a alegria de sempre, nem parecendo mulher-viúva.

Na realidade, após a partida do senhor Belizário - ao tempo que a filha Sofia voltava a discutir assuntos sérios com o senhor Antunes Colaço e, depois, com

outros homens da vila -, usando o discreto hábito reservado às beatas-mor (e contendo só para si o sorriso e a alegria de mulher-livre), Dona Gertrudes passou a auxiliar o cônego-prior João Anastácio e, na prática, assumiu a mordomia do Convento da Graça, se encarregando, não só da administração da casa, mas, também, do seu bem-estar pessoal [bem-estar dele, do padre-maior].

Conhecendo o serviço que se esperava do administrador do convento e as limitações que pesavam contra si própria, contando com o auxílio de velhas beatas, Dona Gertrudes passou a cuidar da cozinha, das compras de víveres, da lavanderia, da arrumação móveis e limpeza dos cômodos, do atendimento aos necessitados e tudo o mais.

Quando, por exemplo, o cônego não estava ocupado em dar remissão aos pecados de alguma favorita, ela fazia aquilo que imaginava ser da sua conta, tratando de alegrá-lo e satisfazê-lo. Assim, radicalizando as responsabilidades a ela atribuídas, Dona Gertrudes assumiu tarefas como arrumar a batina e cortar o cabelo do cônego-prior João Anastácio e, sempre que solicitada, deixar-se usar por ele ao seu bel-prazer.

O padre João Anastácio nunca soube, mas, nas horas vagas, dando curso ao furor trazido desde o berço, Dona Gertrudes fazia a alegria dos noviços - desde os coroinhas mais tenros, que tinham os pintinhos bolinados com cuidado, até os diáconos, que, a depender do vigor e da

curiosidade, podiam enfrentar maratonas de prazer.

De fato, sabendo das necessidades de macho que atormentavam as cabeças dos jovens, depois de recolher o cônego-mor, entregando-o ao sono com os carinhos que ele tanto gostava, em costume que, pouco a pouco se incorporou na rotina do convento, Dona Gertrudes escolhia um interno para iniciar na estrada dos pecados da carne, dando-lhe de provar algumas das delícias por ela aprendidas e inventadas no curso da vida.

Naqueles momentos, para deleite dos noviços, valia de tudo - o roça-roça e a esfregação, a mão naquilo, aquilo na mão, boca naquilo, aquilo na boca, aquilo naquilo de frente e detrás conforme a vontade do momento, valia de tudo.

Não era sem razão que, depois de conhecer Dona Gertrudes, muitos seminaristas se descobriram sem vocação para a vida religiosa e, sem perder contato com ela, desertavam da clausura monástica.

E, assim, dedicada de corpo e alma ao recolhimento, procurando não saber das estripulias aprontadas pela filha Sofia nas altas rodas da corte máxima da Capitania, progressivamente Dona Gertrudes ganhou importância e se converteu na figura central do Convento da Graça.

Mais importante, mesmo, do que o cônego-prior João Anastácio - o qual, diga-se de passagem, embora alquebrado e cada vez mais cansado, de tão satisfeito

com o tratamento dela recebido [recebido de Dona Gertrudes], mais por razões da carne do que [por razões] do espírito, relutou até o último momento em se retirar para a casa de repouso dos decanos.

O tempo passou e chegou o dia a partir do qual, nada, por mais simples que pudesse parecer, acontecia no convento sem a aprovação ou, pelo menos, a permissão silenciosa e cumplicidade de Dona Gertrudes.

Aliás, ao final dos assentamentos registrados, embora não tivesse qualquer cargo formal na hierarquia da Ordem - uma confraria unicamente masculina -, estava claro que Dona Gertrudes era, de fato, a autoridade máxima do convento, dando a palavra final sobre todos os assuntos profanos do convento.

Não foi sem razão, portanto, que, progressivamente, o nome de Dona Gertrudes se inscreveu com tintas cada vez mais fortes no rol das beatas mais importantes da história de Olinda, justificando, não só a presença do quadro que a retratava cândida e sem qualquer pecado na parede principal do salão paroquial do Convento da Graça, mas, também, as canções e poemas inspirados na sua vida compostos, inicialmente pelos noviços que a conheceram por fora e por dentro, depois, pelos paroquianos curiosos e invejosos e, finalmente, pelos holandeses ali chegados anos mais tarde, que não a conheceram em carne e osso, mas souberam da forma como [ela] marcou a sua existência.

Nos dias correntes, confiando nos estudos comprovadores da satisfação como, desde sempre - inicialmente na condição de favorita do padre João Anastácio e, depois, como administradora do Convento da Graça -, Dona Gertrudes se entregava aos prazeres da carne - desfrutando-os com sofreguidão e assumindo-os como rotina e objetivo de vida -, historiadores afirmam que seu gosto pela saliência decorria de algum tipo de ancestralidade, uma condição herdada da mãe e da avó que, provavelmente, se projetara sobre sua descendência.

Aliás, se de um lado, estudos atuais confirmam a presença do gen de Dona Gertrudes no sangue de lobas sedentas, que uivam nas colinas da cidade em busca do amor lascivo, de outro, há quem jure

que, ainda hoje, das paredes seculares do Convento da Graça ainda ecoam os urros de prazer gemidos por tantos quantos passaram pelo rigor como Dona Gertrudes cuidou do convento e da comunidade nele abrigada.